

ANTÓNIO CARLOS DIOGO

APONTAMENTOS PARA O ESTUDO DA

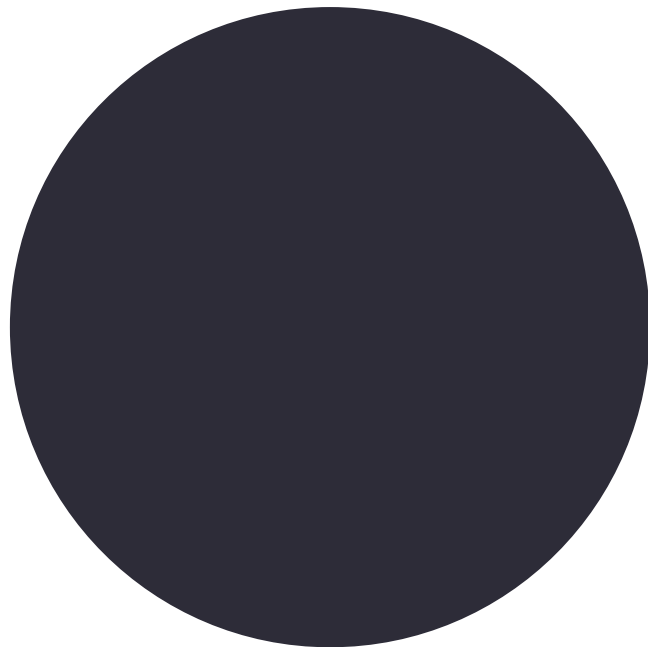
MOEDA SUEVA



numisma+as



MOEDA SUEVA



numisma:as

CADERNOS NUMISMÁTICOS

+ + + + + + + + + + + + + + + +

APONTAMENTOS PARA O ESTUDO DA MOEDA SUEVA

+ + + + + + + + + + + + + + + +

DE ANTÓNIO CARLOS DIOGO

Este documento é fruto de uma conversa entre diversos amigos acerca da Moeda Sueva.
O principal interveniente, iniciador e grande incentivador do tópico foi o amigo António Carlos Diogo,
a quem pertence realmente a obra, e conta com a intervenção de diversos membros.

APONTAMENTOS PARA O ESTUDO DA MOEDA SUEVA

A propósito de um solidus de Honório, achado em Cacia, no sítio da torre, nos anos trinta do século passado e do qual deu notícia João Sarabando na publicação da junta distrital de Aveiro “Aveiro e o seu distrito”, número 21, 1976.

A moeda peninsular dos Séculos V e VI, imitações dos povos bárbaros e/ou das comunidades provinciais, será sempre a parte mais tenebrosa da numismática medieval, tanto no que diz respeito à cronologia como à atribuição. (A. Engel e R. Serrure, citados por Mário Gomes Marques). A preferência dos imitadores tanto dos povos bárbaros como das comunidades provinciais foi sempre pelas espécies áureas. Este facto é o aspecto que mais transparece na história monetária do ocidente europeu nestes dois séculos. As emissões em prata cunhadas por ordem de Requiário assim como de monarcas francos terão tido muito provavelmente fins comemorativos tendo sido o seu papel económico quase nulo. (Crusafont i Sabater, M. El sistema monetário visigodo: Cobre y oro, Barcelona-Madrid, 1984).

Em “A moeda Sueva-Porto 1977, Peixoto Cabral e Metcalf”, afirmam não ter dúvidas quanto à atribuição aos suevos das imitações de Honório, isto no que diz respeito à série pesada (moedas com maior peso), e declararam-se “inclinados” para lhes atribuir as restantes. Esta opinião assenta no facto de a grande maioria das moedas conhecidas pertencer a colecções portuguesas, presumivelmente formadas com achados no território nacional, no entanto só sabemos a proveniência de seis destes exemplares: Coimbra, Castelo Branco, Covilhã, Portalegre, Badajoz e Cacia-Aveiro, precisamente localidades fora da área nuclear sueva, só transitoriamente dominadas pelos suevos.

Peixoto Cabral e Metcalf conscientes deste facto levantaram a hipótese de que pelo menos algumas emissões terão sido cunhadas em Sevilha. Mário Gomes Marques adianta a alternativa de Mérida como centro de cunhagem, de facto esta alternativa está mais de acordo com a localização das localidades de proveniência. Segundo o mesmo autor os suevos dispuseram de facto de condições para a produção de imitações de solidi de Honório e que no caso de o terem feito entre 439 e 456, o centro de cunhagem mais provável terá sido Mérida, refere no entanto não existir qualquer prova de que assim tenha sido.

A única certeza quanto a este solidus da Torre é que estamos de facto perante uma imitação servil de um solidus imperial de Honório.



“Estamos a lidar com material em que não existe uma linha divisória nítida entre facto e ficção.”

W. J. Tomasini.

Não é para já minha intenção alargar-me em conjecturas no âmbito da história monetária dos séculos V e VI. É sim minha intenção relembrar este achado como contributo para a história do distrito de Aveiro.



Este tremissis é património do Gabinete de Numismática da Câmara Municipal do Porto. Importa referir que a impressão no folheto informativo do Gabinete reproduziu primeiramente o reverso e seguidamente o anverso. Em segundo lugar e como podem ver pela legenda, este tremissis está classificado como pertencendo à série LATINA MVNITA o que considero incorrecto uma vez que não é isso que consigo ler na legenda do anverso, eis o que consigo ler no anverso: DIIVINIIANTINIIIVponta de lançaNNVG, o que me leva a classificá-la como fazendo parte do tipo II de Reinhart, tipo em que o nome de Valentiniano ainda que muito deturpado, se consegue identificar.

Qual a legenda que o gravador pretendeu reproduzir no anverso deste tremissis?

ANV: DN VALENTINIANVS PF AVG ou DN VALENTINIANVS AVG
REV: Cruz dentro de laurel com painéis laterais, no exergo: COMOB

Podemos adiantar, mais que isto é especulativo, que estes tremisses com o nome de Valentiniano, o III (425-55), foram cunhados depois de 426, ano em que adopta o tipo cruz dentro de laurel, e quase seguramente antes de Leovigildo ter anexado o reino suevo em 585, certamente que Leovigildo não consentiria a emissão de outras moedas que não as suas.

Assim que tiver oportunidade aqui deixarei um tremissis com o nome de Valentiniano sem erros na legenda e com um razoável trabalho de gravação para que vejam as diferenças.

+ + + Jorge Cardoso



Para continuar com o estudo. Este é um soldo M D que vai a leilão brevemente. São cunhagens extremamente perfeitas.

A colecção de Carlos Costa possuía três moedas de ouro Suevas 1 Soldo em nome de Honório (03.02AG) e 2 trientes em nome de Valentiniano III (02.01;02.04AG).

+ + + António Carlos Dlogo

Solidus em nome de Honório que na actualidade admitimos ter sido produzido na Península Ibérica. Pelo que me é dado perceber pertencerá ao grupo A de Reinhart, grupo em que o autor inclui os espécimes que copiam com relativa fidelidade os modelos oficiais (imperiais) e em que as letras M e D são claramente identificáveis no campo do reverso, tece ainda considerações quanto aos eixos entre estas imitações e os solidi da casa de Milão.

Estas imitações ir-se-ão deturpando nomeadamente no tratamento das figuras, erros nas legendas, muitas vezes ininteligíveis, nalguns casos desaparece o indicativo de origem que se pretendia reproduzir.

ANV: D N HONORI-VS P F AVG
REV: VICTORI-A AVGGG; no exergo COMOB, M e D no campo.

+ + + Avelino Nascimento

Exergo: COMOB = Comitatus Obryzum

COMOB, textualmente “moeda de ouro puro cunhada no reino”, é uma expressão que poderíamos interpretar simplesmente como “moeda pública”.

Não se trata propriamente de um acrónimo da cidade ou da oficina de origem. No solidus em questão, a cidade, julga-se que seja o conjunto das letra M e D de Mediolanum (Milão) no campo da moeda e, creio eu, não se trata de uma imitação “bárbara”. “Bárbara” entre aspras, porquê?

Quando se fala em Bárbaros, no nosso português actual, fala-se em selvajaria, em gente má, em brutalidade, em desumanidade, o que é mal entendido quando aqui se fala em Bárbaros.

Os Bárbaros para os romanos eram os povos estrangeiros, os que não eram romanos, os que viviam para lá das suas fronteiras imperiais de Roma, em suma, os estrangeiros. Muita gente confunde isto.

+ + + António Carlos Diogo

O solidus em análise e como disse o amigo Jorge, vai a leilão ou já foi, não tenho presente a data, e vê só que os especialistas dizem que se trata de uma emissão presumivelmente batida em Bracara!

Uma coisa te garanto eu que não sou especialista, não há certezas absolutas, não se trata de uma emissão oficial, a reprodução é sim «muito» fidedigna.

+ + + Avelino Nascimento

Parece-me mais uma cópia moderna!



+ + + António Carlos Diogo

Caros amigos e companheiros aqui deixo estas duas que um amigo me enviou, são ambas da Ex. Colecção Carlos Costa, actualmente da Colecção do BES. Não vou tecer, para já, mais comentários, faço votos para que apreciem e comentem, quanto mais não seja deixar aqui as vossas questões, obrigado.



Na penúltima intervenção, lembram-se? Pois bem, ficaram dois espécimes:

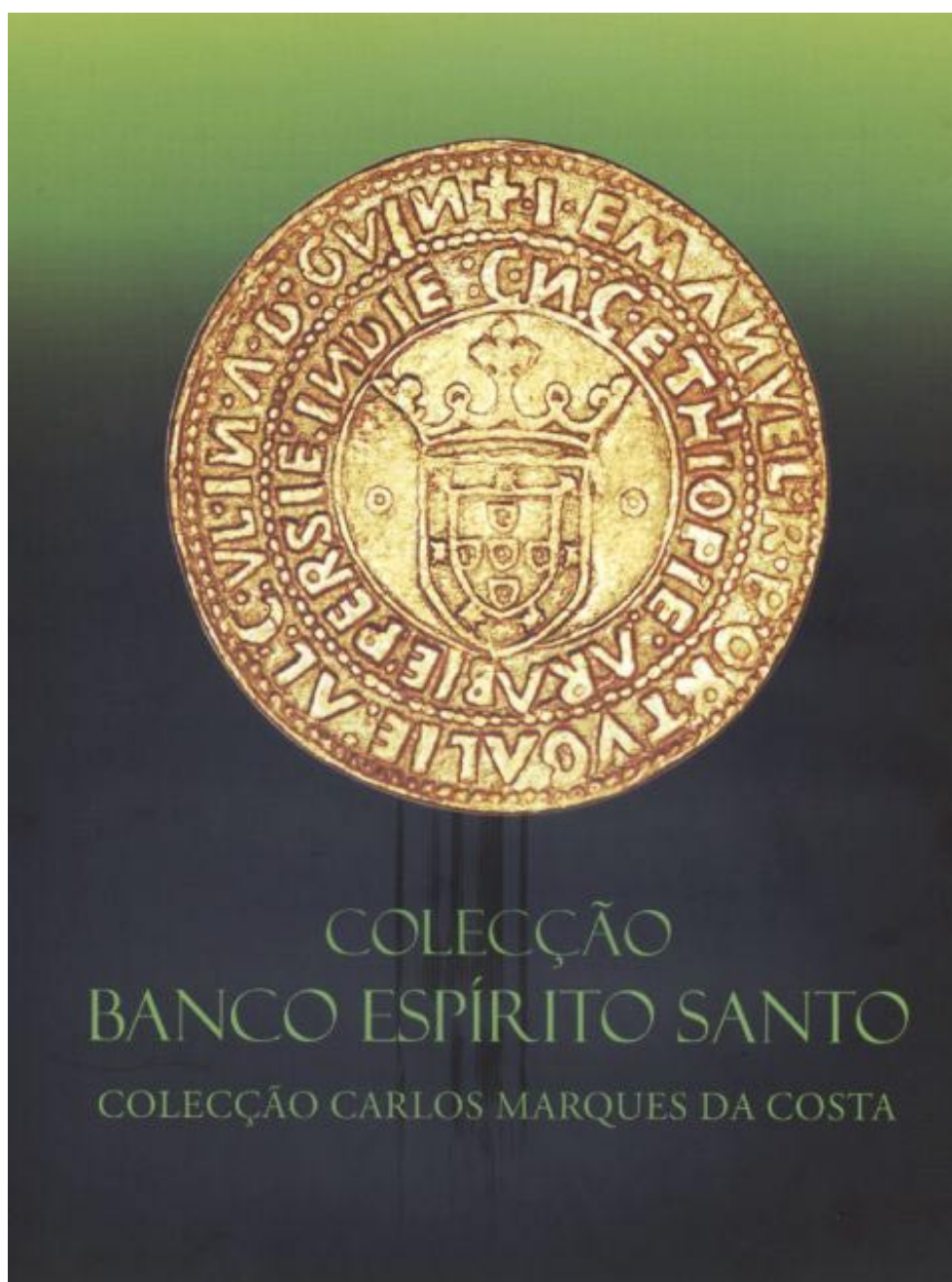
- O 1.o, um solidus, um soldo (que calafrio!), em nome de Honório, não se trata de nenhuma imitação recente!
- O 2.o, um tremissis, em nome de Valentiniano III, também não estamos perante uma cópia moderna!

Então quando? E quem terá ordenado a cunhagem destas moedas?

Ex.mo Senhor
Ricardo Espírito Santo Salgado

Rogo e peço autorização ao Banco Espírito Santo, na sua pessoa, autorização para a publicação no Fórum dos Numismatas de fotografias do Catálogo BES. A reprodução das mesmas destinam-se única e exclusivamente ao estudo da numária do território hoje Portugal.

Por minha honra e compromisso, um português agradecido,



+ + + Avelino Nascimento

Sim, as ultimas duas fotos, a do solidus em nome de Honório e do tremissis em nome de Valentiniano III, ambas, não se tratam de nenhuma imitações recentes, sem qualquer dúvida!

O solidus que foi a leilão na numisma, é que é meio esquisito ou melhor, tem uma “caligrafia” muito perfeita, para o meu gosto, na legenda mas... quem sou eu para o dizer-lo!!

+ + + António Carlos Dlogo

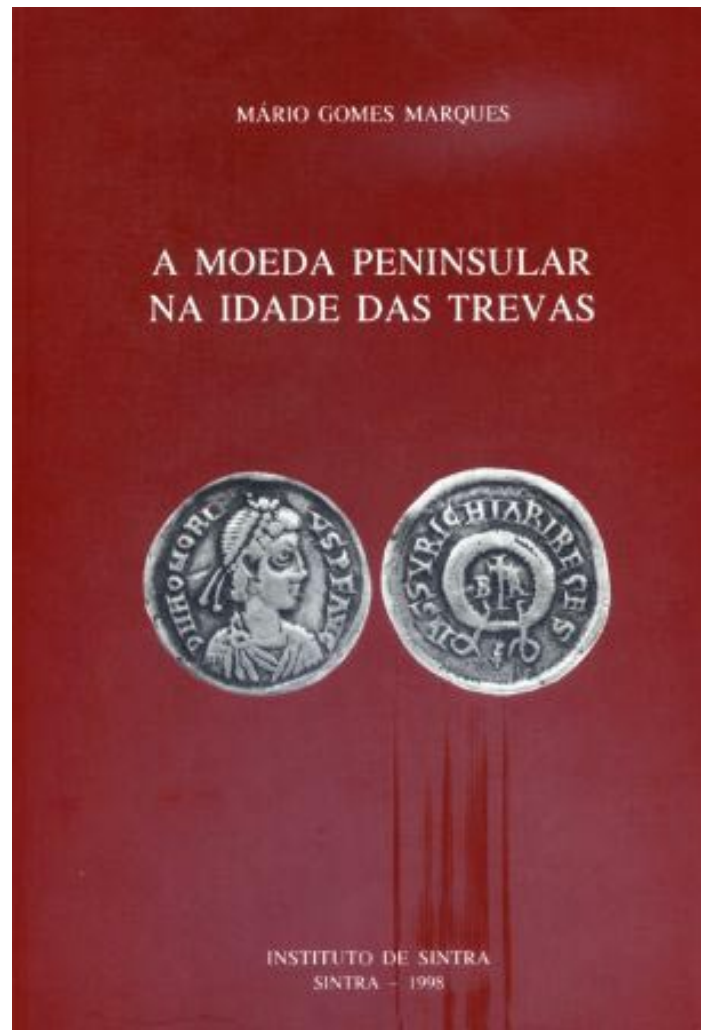
Caros amigos e companheiros aqui deixo estas duas que um amigo me enviou, são ambas da Ex. Colecção Carlos Costa, actualmente da Colecção do BES. Não vou tecer, para já, mais comentários, faço votos para que apreciem e comentem, quanto mais não seja deixar aqui as vossas questões, obrigado.

UM BREVE RESUMO DA HISTÓRIA DOS SUEVOS:

Antigo povo germânico, constituído por várias tribos nómadas (Sémnones, Hermúnduros, Quados, Marcomanos...). Sabemos que originalmente se estabelecem na bacia do Elba (actuais República Checa, Eslováquia, Alemanha). Em meados do Séc. I a. C. encontram-se já na bacia do Reno (actuais Suíça, França, Alemanha, Países Baixos). Um dos seus ramos, comandado por Ariovisto, tentou estabelecer-se na Gália, mas foi expulso por César em 58 a. C. Acabam por se instalar na Suábia (região entre o Reno e o Danúbio), que partilharam com os Alamanos a partir do Séc. III. Posteriormente o seu destino pode ser observado ao seguir-se o trajecto de cada tribo. Interessam-nos particularmente os Quados, que após atravessarem o Reno, em 406, cruzaram a Gália e penetraram na Península Ibérica, em 409, e dirigidos por Hermigário (409-441), fundaram na Galécia o reino dos Suevos (411), com capital em Braga. Após a sua constituição como reino, os suevos vão firmando alianças com Visigodos e Romanos ou lutando contra ambos ao mesmo tempo. Hermigário e os seus sucessores, Réquila (441-448) e Requiário (448-456), (conhecemos três siliquae em seu nome : ANV: DN HONORI-VS PF AVG / REV: IVSSV RICHIARI REGES; um exemplar na Bibliothèque Nationale de Paris, um outro proveniente do Castro de Lanhoso, e o terceiro proveniente de escavações arqueológicas realizadas na Casa do Infante, da cidade do Porto), prosseguiram a expansão sueva para o NO da Hispânia, expansão que foi detida pelo visigodo Teodomiro II, em 456.

Com a morte de Requiário (456) tiveram lugar lutas civis que só terminam com Remismundo (460-469), após ter sido reconhecido pela corte visigoda de Tolosa, com quem estabelece um tratado (464). Assistimos a partir de 469 e até 558 a um período de trevas, o reino suevo renasce com Teodomiro (559-570), que com a colaboração de S. Martinho de Dume, converte os Suevos ao catolicismo. Miro (570-583), Eborico (583-584) e Andeca (584-585), prefiro a grafia Audeca, (alguns autores atribuem um tremissis a Audeca, posteriormente falaremos também deste espécime) lutam todos contra Leovigildo, que acabou com o reino dos Suevos e o torna em mais uma província da Hispânia Visigoda Unificada.

A melhor fonte para o conhecimento do período compreendido entre a entrada dos suevos na Península Ibérica e 469, é sem dúvida Idácio, que foi bispo de Chaves, no entanto a sua Crónica é prejudicada pela



condição de um homem que via nos bárbaros os causadores da destruição da civilização que amava, um homem que tinha aversão por “estes pérfidos e opressores implacáveis...”. Resultam assim, da sua Crónica, dados errados quanto à extensão do poder dos monarcas germânicos no solo peninsular. É exemplo disso o trecho referente a 411, - depois de dizer que os diferentes povos invasores distribuíram por sorteio as regiões em que cada um se implantaria - afirma que “ os hispânicos, que, nas cidades e castelos” tinham sobrevivido “ao ferro, à fome, à peste e às feras” dos dois terríveis anos precedentes, “se submeteram, como escravos, aos bárbaros que dominavam as províncias”. Uma vez que , segundo o próprio, o sorteio conferira aos suevos e vândalos asdingos o “direito” de implantação na Galécia, ao tratar das áreas de implantação que terão cabido aos diferentes povos após o sorteio de 411, Idácio afirma: “Galleciam Vandali occupant et Suevi sita in extremitate oceani maris occidua”. Poderemos interpretar esta frase como significando que aos vândalos coube a Galécia, com excepção da “ parte ocidental situada no extremo do mar oceano”, que terá cabido aos suevos.

Adaptação de: **A Moeda Peninsular na Idade das Trevas**, Mário Gomes Marques, Instituto de Sintra, Sintra, 1998.

Muito interessante este parágrafo retirado de um texto intitulado: Os Bárbaros no Ocidente, de Carlos Fabião.

As fontes disponíveis são insuficientes e parciais. A mais importante, a “Crónica” do bispo Idácio de Chaves, oferece uma imagem apocalíptica da situação, ainda que não isenta de elementos contraditórios. Fala de chacinas e saques, mas também de uma epidemia de peste e de uma tremenda opressão do fisco e dos militares, o que sugere que as populações locais não estariam entregues a si próprias. Sublinhe-se que, para um autor cristão da época, o quadro apocalíptico seria uma prova de que se cumpriam as profecias.

Meus caros amigos, aqui deixo a capa da obra q(página anterior) que norteia a minha postura ao escrever sobre história monetária dos suevos e visigodos sem nunca excluir autoridades regionais e/ou provinciais investidas ou não do jus monetariae... É desta forma que a todos vos agradeço e peço ajuda, obrigado.

Deixo-vos um desafio para estudo e cumplicidade: Qual a moeda representada na capa? Qual o monarca? Onde terá sido cunhada? Em nome de quem? Qual o metal? Será uma moeda rara?

No território hoje Portugal temos notícias deste espécime?

+ + + Avelino Nascimento

Emissão em nome de Flavivs Honorivs, como muito bem disse o nosso Cardoso, o Honório. Trata-se de uma Silíqua, claro, o metal será de prata.

Anverso: DN HONORIVS P F AVG

Reverso: IVSSVRICHIARIREGES, do Rei Requíario, que reinou entre os anos 438 e 455 d.C..

Também aposto numa cunhagem de Bracara. É uma moeda bastante rara, segundo Alberto Gomes, na sua obra «Moedas Portuguesas e do Território que hoje é Portugal», menciona somente três exemplares, estando os mesmos em posse de museus, sendo esta a única notícia, que conheço, destas numismas de prata, além da sua aqui no fórum:

(...)um exemplar na Bibliothèque Nationale de Paris, um outro proveniente do Castro de Lanhoso, e o terceiro proveniente de escavações arqueológicas realizadas na Casa do Infante, da cidade do Porto), (...)

Senhor professor embora sendo eu um aluno “calado” tenho seguido as suas lições com a maior atenção.

Espero que pelo menos tenha um suf. neste exercício

+ + + António Carlos Diogo

O exemplar da capa é exactamente o da Bibliothèque Nationale de Paris, durante mais de século e meio, foi o único conhecido. Foi publicado pela primeira vez em 1788, fazendo parte da colecção do Sr. D' Ennery, em 1827, já pertencia à colecção Gosselin, leilado em 1864 e então adquirido pela Bibliothèque Nationale. Muitos numismatas olharam para a moeda como uma possível falsificação moderna e a favor destes jogou, um espécime que apareceu à venda adquirido por um coleccionador de Graz, F. Stefan, - moeda fundida com moldes obtidos a partir da verdadeira Siliqua da Bibliothèque Nationale -. Se dúvidas haviam aí temos os dois exemplares encontrados em território português. São essas as únicas Siliquae de Requiário até hoje conhecidas.

Alguns autores se têm pronunciado acerca do significado político das siliquae de Requiário, destaco entre outros: Patterson, Grierson e Blackburn, Guadán, Barral i Altet, Mário Gomes Marques... de todas estas opiniões, M. G. Marques elaborou excelente monografia sobre estas emissões e no que ao significado político diz respeito, escreve (adaptado):

.../... Seria estranho que Requiário não tivesse plena consciência do papel desempenhado pela moeda de prata na economia do seu tempo... Deste modo, é lógico supor que terá ordenado a emissão de siliquae com o objectivo então mais usual, isto é, para comemorar um acontecimento importante para o seu povo. Representando o anverso a figura de Honório, é igualmente razoável supor que se trataria de um acontecimento ainda em vida desse imperador. Aconteceu, que em 420, a monarquia sueva foi salva da destruição pelos vândalos por um exército romano que terá actuado por ordem de Honório e provavelmente para cumprir um acordo já existente ou nessa altura assinado entre suevos e romanos. Barral i Altet afirmam a existência de um foedus, no entanto não temos provas documentais.

Importante, independentemente da relação legal estabelecida entre os suevos e o Império, foederatio ou amicitia, tudo leva a pensar que as siliquae batidas em nome de Requiário se destinaram a recordar laços existentes entre as duas partes, cabe perguntar se terá havido um motivo político particular e que levou à referida emissão. Subida ao trono de Requiário (448), o ano seguinte em que negociou o casamento com a filha do visigodo Teodorico I, entre 452/453 para assinalar a renovação das boas relações com o Império? Quanto dúvida e quanta matéria de estudo!



Caros amigos, fazendo um compasso de espera para assim que oportuno, relançar a série “mais abundante”, a série LATINA MVNITA, deixo este tremissis atribuído a Audeca e que pertenceu ao acervo do Museo Arqueológico Nacional/Madrid de onde desapareceu em 1936. Espero despertar-vos o interesse e a curiosidade. Agradeço qualquer contributo.

Grierson em “A tremissis of the Suevic King Audeca (584-5)”, Estudos de Castelo Branco, 1962, atribuiu o tremissis a Audeca. Independentemente da restante legenda o anverso incluía o termo REIGES, relembro as siliquae de Requiário (IVSSV RICHIARI REGES) legendas de trientes visigodos, nomeadamente de Egica/Witiza associados (VVITTIZA REGIS/REGES/REGI/REGIES), os termos REIS e REGIS em moedas de D. Afonso V, inequivocamente com o significado de REX. Ora era a primeira vez que um monarca suevo mandava escrever o seu nome numa moeda áurea. Diferentes leituras foram propostas pelos estudiosos: - DEODIAZCAREIGESCRAV (Engel), - OCODIACCAREIGESONAV (Mateu y Llopis), - OCODIACCAREIGESONAI (Reinhart), - OCOVIACCAREIGISGAISI (Beltrán Villagrasa); das diferentes leituras constam antropónimos e/ou topónimos? A primeira parte da legenda poderia ser o nome de um monarca suevo, não se esqueçam que não conhecemos os nomes dos monarcas suevos entre 469 e meados do séc. VI; as últimas letras poderiam conter um topónimo, Villagrasa retomou essa ideia... o GASI final da legenda formaria o nome, em genitivo, de um monarca desconhecido... Tenebroso!

Pensamento deixado pela colega Marisa: “Não existe nada de tão sério que não possa ser dito com um sorriso”!

Em consequência da análise de Mário Gomes Marques, diz-nos o autor (adaptado):

Há que reconhecer que a existência de tremisses emitidos em nome de Audeca não ficou provada para além de qualquer dúvida razoável.

É evidente que a hipótese de Audeca ter sido o primeiro e o único, rei suevo a mandar inscrever o seu nome em moedas áureas não deixa de ter plausibilidade em termos de contexto histórico. Essa decisão poderia ter partido de Miro (570-583), ao imitar a atitude de Leovigildo, mas não é provável que tenha tido tempo para tal... tal atitude seria natural por parte de um homem que não hesitou em conspirar contra o cunhado para se apoderar do trono e desejoso de afirmar a sua independência relativamente ao monarca visigodo.

Todavia, embora plausível e confrontada com a veracidade de uma hipótese há um longo caminho que ainda não foi percorrido.

Após uma leitura destas páginas, ainda que na diagonal, e em jeito de resumo (numerário presumivelmente batido na Península Ibérica e atribuído aos suevos) temos:

- Imitações servis de solidi em nome de Honório;
- Tremisses que exibem mais ou menos fidedignamente o nome de Valentiniano;
- Siliquae emitidas por ordem de Requiário e que exibem no anverso a legenda, DN HONORI_VS PF AVG;
- Tremissis atribuído a Audeca;

Faltam-nos como já referi, a série mais abundante, os tremisses da série LATINA MVNITA, moedas afins desta série e tremisses com legendas desprovidas de significado.

À excepção de Heiss, que considerou a legenda do tremissis atribuído a Audeca, constituída por símbolos aleatoriamente gravados logo sem significado, todos os estudiosos concluíram tratar-se do único exemplo áureo e em que um monarca suevo se declarara autoridade emissora e no mesmo mandara inscrever o seu nome e sem qualquer referência ao Império romano. Nas siliquae o reverso e como já verificámos, exhibe a legenda, DN HONORI_VS PF AVG. Leovigildo é o primeiro monarca, este visigodo, a afirmar a total independência do Império romano, as suas moedas após as emissões de transição (moedas que exibem no anverso o nome de Justino II), as nacionais exibem em ambas as faces, o seu nome. Se o tremissis atribuído a Audeca e se pudermos concluir que foi ele que o mandou bater, então estaremos perante o primeiro e único monarca suevo que cunhou moeda áurea e em que só ele é a autoridade. Tenho a minha teoria que aqui deixo, considero-a uma espécie de prova (a emissão deve ter sido muito reduzida) que as hostes de Leovigildo confiscaram e mandaram derreter. Mais tarde tentarei fundamentar e argumentar esta minha parvoíce!

Debrucemo-nos agora sobre os tremisses da série LATINA MVNITA – quanto à designação desta série o assunto já foi abordado no artigo

(A MOEDA SUEVA – A EGITÂNIA NO PERÍODO SUEVO ...).

Estes tremisses assentam no modelo tipológico definido por anverso centrado por busto com tórax e cabeça diademada de perfil e por reverso com cruz dentro de laurel e painéis laterais. A sigla do exergo, apresenta quer a forma CONOB muitas vezes invertida, quer formas degeneradas como OHO ou OIIO. A ideia que prevalece é a de que todas as moedas da série LATINA MVNITA foram emitidas pelos suevos, daí ser de lamentar que a hipótese das legendas do anverso ininteligíveis poderem conter antropónimos (Beltran Villagrasa), nunca ter sido objecto de estudo sistematizado pelos especialistas. Parece-me novamente muito oportuna e consistente a opinião de Beltrán Villagrasa corroborada por Mário Gomes Marques, José Cardim Ribeiro, isto é, a de os antropónimos serem os de seniores ou patricii hispano-romanos que governavam áreas praticamente independentes do noroeste da Península.

A atribuição dos tremisses da série LATINA MVNITA à numária sueva não deve ser vista como definitiva.



Imagem ampliada de um tremissis da série LATINA MVNITA

Vamos então às moedas afins da série LATINA MVNITA e aos tremisses com legendas desprovidas de significado.

Peixoto Cabral e Metcalf, A moeda sueva, Porto, 1997, relacionam a maior parte das moedas com legendas desprovidas de significado com o grupo das que exibem o nome de Valentiniano e as restantes com a série LATINA MVNITA. Das moedas que estudaram, os mesmos autores incluíram seis exemplares com legendas desprovidas de significado, na série LATINA MVNITA, fundamentado em semelhanças de estilo e suportado por estudos metrológicos.

O exemplar do Gabinete de Numismática da Câmara Municipal do Porto, que atrás discutimos, (pág.1), será classificado nas moedas afins das que exibem o nome de Valentiniano, incluído no (subgrupo B), formado pelos espécimes em que existe uma ponta de lança a cortar a legenda do anverso e em que a sigla CONOB com deturpações idênticas, está frequentemente invertida.

Da minha parte, “encerro” por agora o Caderno 2, mas sempre esperando em novas contribuições e novas notícias.

+ + + Jorge Cardoso

Algumas dúvidas de quem nada sabe.

-Amigo Diogo, no numerário não devemos acrescentar também, a meia-síliquia?

Nesse período de 572-586 do reinado de Leovigildo, muita coisa aconteceu: Novas políticas, títulos, moedas, Grandes calamidades, pragas de insectos, surtos de peste, Lutas, revoltas, traição, assassinatos.

- No meio deste turbilhão de acontecimentos o último Rei Suevo ainda teve tempo para cunhar moeda?

Conseguiu afirmar-se como autoridade?

- O António Diogo considera que apenas circularam como PROVA:

Qual era o metal da prova? Normalmente as provas eram produzidas em metais diferentes do metal adoptado.

Refiro-me a este exemplar. Foi achado entre Mérida e Sevilha.



+ + + António Carlos Diogo

Amigo Jorge tenha sempre presente que entre 469 (morte de Idácio e fim da sua Crónica) e meados do séc. VI, não conhecemos sequer os nomes dos monarcas suevos. O reinado de Audeca, isto após ter conspirado contra Miro e usurpado o poder, entre 584-585, foi como vê muito curto, teve a ambição de afirmar a sua independência em relação a Leovigildo, de pouco lhe valeu! É neste contexto que eu fundamento a minha «tese»: A necessidade de afirmação de Audeca... o tremissis que lhe é atribuído, foi exemplar único, digo foi, porque desapareceu em 1936, do Museo Arqueológico Nacional de Madrid, durante a Guerra Civil de Espanha; o homem terá mandado lavrar aquela «prova» ou outros exemplares para se afirmar como autoridade, (era a propaganda política da Idade das Trevas?), não sabemos.

Jorge, não tenho conhecimento deste espécime, ainda vou fazer umas consultas..., s.f.f., quem a classificou? A quem foi atribuída? Em suma, todos os dados de que disponha, obrigado.

+ + + Jorge Cardoso

Caro Diogo aqui vão as informações de que disponho:

- Exemplar único que foi apresentado no último leilão de 2008 da Numisma.
- tem um peso de 0,69g
- O comprador da meia-silíquia sueva foi um importante museu de Lisboa: [http://www.correiomanha.xl.pt/noticia.a ... 9B204108DD](http://www.correiomanha.xl.pt/noticia.a...9B204108DD)

Vou reproduzir algumas frases do catálogo:

“As moedas que alguns destes povos (Suevos, Vândalos e os Godos) decidiram cunhar, têm-se mostrado de difícil atribuição.”

“Os Soldos dos Suevos (...), são tidos com os mais raros de todos.

Mesmo que houvesse dúvidas na atribuição desses Soldos aos Suevos, o ter aparecido há pouco tempo um outro Soldo, com as letras B R de Bracara(...), é uma prova real.”

“Será de admitir (...), que os Suevos cunharam presumivelmente no Reinado de Requiário, meias silíquias, pelo aparecimento do exemplar único achado entre Mérida e Sevilha.”

São perguntas a que não tenho uma resposta 100% concreta.

Mas posso responder da seguinte forma:

- Se foi presente a leilão, o espécime foi analisado convenientemente pelos consultores/ coordenação científica
- Atribuído “presumivelmente” ao Reinado de Requiário.

+ + + António Carlos Diogo

Siliqua - Nome usado para designar a unidade de peso, também designada de carat ou quilate, equivalente a 1/1728 da libra romana e que tinha como base o peso médio da semente da alfarrobeira (*Ceratonia siliqua*)..., para a larga difusão do quilate como unidade de lei, contribuiu o uso internacional do solidus romano, que se supunha ser de ouro puro e ter como peso vinte e quatro quilates ou siliquae. Com Constantino, é possível que o nome siliqua tenha sido usado para designar uma moeda de prata, de valor nominal igual ao de uma siliqua de ouro amodado.

Englobemos então esta «meia-siliqua» nas cópias servis, uma vez que não apresenta qualquer elemento tipológico diferente dos que são próprios do modelo copiado. O facto de não ser uma cópia fiel, esses desvios devem-se essencialmente à falta de capacidade artística do gravador, é nítida a intenção do gravador em reproduzir o reverso/tipo, VICTORIAAVGGG, quanto ao imperador teremos que ter em conta pactos assinados com o império..., de Valentiniano I a Teodósio.

Tenhamos sempre presente a opinião de Tomasini, W. J. “Estamos a lidar com material em que não existe uma linha divisória entre facto e ficção”.

Agradeço ao amigo Jorge Cardoso o ter-nos trazido esta notícia.

+ + + Jorge Cardoso

Agradeço ao amigo António Diogo toda esta investigação e dedicação. Um abraço. Deixo aqui um Estudo sobre um Triente Suevo achado no Distrito de Santarém: [http://perso.wanadoo.es/bb933188245/Gac ... / GN148.pdf](http://perso.wanadoo.es/bb933188245/Gac.../GN148.pdf)

+ + + António Carlos Diogo

Neste espécime o nome de Valentiniano está perfeitamente identificável, o reverso com cruz dentro de laurel, tremissis do tipo II de Reinhart, como refere Antonino Poiães no seu artigo da Gaceta. O pormenor que mais me desperta a atenção é a aparente ausência de painéis laterais que nestes tremisses são geralmente bastante amplos e delineados. O diâmetro do laurel é muito maior daí o espaço para os painéis ser bastante reduzido, um pormenor pouco comum.

Peixoto Cabral e Metcalf calcularam o peso médio e o desvio padrão para um conjunto de trinta moedas de tipo (tipo II de Reinhart com o nome de Valentiniano perfeitamente identificável) e que foram de, respectivamente, 1,34 g e 0,09 g. No que respeita à lei os mesmos autores,

dão-nos informações resultantes da análise, pelo método de PIXE, de dezanove moedas. A concentração média de ouro calculada foi de 86,4 % (desvio padrão de 4,75 %).

Quanto à cronologia e subscrevendo Mário Gomes Marques, pouco mais podemos adiantar além de que foram seguramente lavrados após 426, ano em que este tipo foi adoptado por Valentiniano, e com fortes probabilidades antes de 586, uma vez que é pouco provável que Leovigildo tivesse permitido após a anexação do reino suevo (585), a emissão de outras moedas.

Agradeço ao amigo Jorge Cardoso, o interesse por esta temática, assim como mais este contributo para os Apontamentos.

Cinco tremisses (da Ex. Colecção Carlos Costa) presumivelmente cunhados pelos suevos foram também analisados e pelo método designado por PAA, por Maria Filomena Guerra no Centre National de Recherches Scientifiques, Orléans, França, da análise dos mesmos resultou o seguinte:

Su 1: Au 88.8%, Ag 10.8%, Cu 0.3% .../...

Su 2: Au 84.6%, Ag 13.5%, Cu 1.3% .../...

Su 3: Au 97.0%, Ag 2.6 %, Cu 0.3%.../...

Su 4: Au 93.2%, Ag 5.7%, Cu 1.0%.../...

Su 5: Au 78.1%. Ag 20.5%, Cu 0.9%.../...

Su= Sueva.

Da análise das suevas concluiu-se que algumas apresentavam um ouro com características do norte da Península Ibérica e outras um ouro com características do Sul da Península...

A propósito de letras, marcas e símbolos diferenciais nos tremisses com painéis nos reversos e a possibilidade que alguns numismatas viram em que essas letras sejam iniciais das localidades onde foram cunhadas..., levou a que sobre elas tenha incidido a atenção dos mesmos. Alois Heiss, *Essai sur le monnayage des Suèves*, *Revue Numismatique*, 1891, adiantou as hipóteses de que a letra E deveria ter sido a marca para as emissões efectuadas em Eminio (Coimbra), L para as emissões efectuadas em Lamecum (Lamego), N para as de Norba (Cáceres), R para as de Rusticana (localização incerta) e S para as emissões de Scallabis (Santarém). Heiss não nos deixou argumentos convincentes a favor destas hipóteses. Contra essas hipóteses jogam e depõem espécimes da série latina munita que exibem topónimo na legenda de anverso e letra no reverso e em que as letras não correspondem às iniciais dos topónimos. Tanto no que diz respeito às letras como aos restantes símbolos a actual situação continua a ser a da ignorância... não conhecemos o seu significado. (Marques, M. G., ob. cit., Adaptado).

Béltran Villagrasa, “Problemas que plantean las monedas de la época hispano-goda y resolución de algunos de ellos”, in III Congreso Arqueológico Nacional, Galicia, 1953, Zaragoza, 1955, deixou-nos a sua opinião acerca das legendas/palavras constantes dos tremisses da série latina munita. O seu trabalho foi ignorado pela maioria dos numismatas, felizmente alguns portugueses tais: Peixoto Cabral, Rodrigues Marinho, Mário Gomes Marques..., tiveram-no em devida e merecida conta. Villagrasa estava convicto que algumas dessas palavras só poderiam ser topónimos ou derivados dos mesmos e outras seriam certamente antropónimos, infelizmente não indicou quais seriam topónimos e quais seriam antropónimos.

Mário Gomes Marques (ob. cit., pp. 154 a 161), estudou com a preciosa ajuda de José Cardim Ribeiro, “Da existência de nomes pessoais em legendas de tremisses da série latina munita” constante da ob. cit. de M. G. Marques, os autores dão-nos matéria de estudo e debate concluindo J. C. Ribeiro e cito: “Como vemos, neste campo abundam mais as hipóteses que as certezas. Todavia, e para lá da legítima discussão quanto aos prováveis ou possíveis contextos filológicos reflectidos pelos nomes em análise, importa antes destacar um facto incontornável: os nomes em causa são, na verdade, antropónimos, e não supostas formações de cariz directa ou indirectamente toponímico. E esta firme conclusão basta-nos, no âmbito específico do presente estudo”.

De que legendas falamos? Pois bem deixo algumas conhecidas e estudadas pelos autores:

| | |
|---------------------|-------------------|
| MVR(I)LLOIVLIMVNITA | LATINAEMERIMVNITA |
| SENAPRIATALASSIMV | LATINAMERIMVNITA |
| IACOTESMONETAPAX | MVRELENSEMVNITA |
| LATINAGATTICMVNI | LEONESMONETACLARA |
| LATINAMVNITAGOTTI | BERGIDENSEMVNITA |
| LATINAMVNITAGATII | MANITALAVRINTINA |
| LATINAMVNITABENE | MVNITAGALLICAPAX |
| LATINAMONETAMVRES | IACOTESMONETAPAX |

LEIOIACOTISMVNITA/LEIO IACOTIS MVNITA

EMERI (gen.) - cremos que a esta forma genitiva corresponderá o nominativo Emerius. Tal antropónimo encontra-se documentado na Hispania visigoda, designando um dos abbates que subscreve em 665, o IX concílio de Toledo... (J. C. Ribeiro, ob. cit.).

GAT(T)I GOT(T)I (gen.) - Existem, nas legendas monetárias que exibem estes elementos nominais, algumas variantes que nos impedem de obter totais certezas quanto aos antropónimos nelas registados. De uma análise dessas variantes deduzem-se, em alternativa, os genitivos Gat(t)i e Got(t)i, que poderão corresponder, o primeiro, aos antropónimos Catus, Catus, Cattus, Gattius ou Gatus e, o segundo, a Cottius ou Cottus... (J. C. Ribeiro, ob. cit.).

IACOTIS (gen.) - A forma Iacotis representará o genitivo Iaco (cfr. Engel e Serrure, *Traité de numismatique du moyen âge*, vol. I, Paris, 1891). Assinale-se que a grafia Iacotes, patente em algumas das legendas seriadas, não representa obviamente nenhum nominativo ou acusativo plural, mas tão só um siples genitivo singular, equivalente a Iacotis... (J. C. Ribeiro, ob. cit.).

IVLI (GEN.) - Trata-se evidentemente, do vulgaríssimo gentílico Iulius, aqui utilizado como simples nome único. É muito frequente na Hispania romana... (J. C. Ribeiro, ob. cit.).

TALASSI (gen.) - Deste genitivo poderá deduzir-se o nominativo Talasius. Tal nome, na sua forma não geminada Talasius, está registado na Hispania suevo-visigótica designando um bispo de Asturica, o qual, em 589, subscreve o III Concílio de Toledo (Garcia Moreno, "Prosopografia del Reino Visigodo de Toledo, Salamanca, 1987). Relacionável com o antropónimo em questão documenta-se ainda, neste mesmo contexto territorial e cronológico, o nome Talasa, referente a uma famola (sic) Dei falecida em 594, com 44 anos, e cujo epitáfio foi achado em Silveirona, Estremoz... (J. C. Ribeiro, ob. cit.).

Faço votos para que desfrutem ao ler estes Apontamentos, no mínimo, tanto quanto eu desfrutei ao escrever e ao embrenhar-me na Idade das Trevas.

Passemos então aos topónimos ou derivados de topónimos, logo, centros emissores/casas de cunho/oficinas:

Bergidum - A produção neste centro está atestada pelos espécimes que exibem a legenda: BERGIDENSEMVNITA, localidade mencionada no Paroquial suevo, pertencente à diocese de Astorga.

Leio - Provavelmente Leão, ainda que tudo indica nunca ter sido dominada pelos suevos. Tremisses que exibem as legendas: LEIOIACO-

TISMVNITA. / LEONESMONETACLARA.

Murello - Centro emissor/topónimo atestado pelos tremisses que exibem as legendas: MVRELENSEMVNITA / LATINAMONETAMVRES. A localidade consta igualmente do Paroquial suevo, pertencente à diocese de Astorga.

Senapria - Consta igualmente do Paroquial suevo como pertencendo à diocese de Orense. Localidade atestada pelos espécimes que exibem a legenda: SENAPRIATALASSIMV.

Laurintina - Bouza Brey, “Una ceca desconocida en la diócesis de Portucale”, Revista de Guimarães, 1942, propõe Laurencio ou Labrencio. M. G. Marques considera tratar-se da derivação de um topónimo que actualmente se ignora. Centro emissor atestado pelos espécimes que exibem a legenda: MANITALAVRINTINA.

Continua....



www.numismatas.com